



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE DOUTORADO INTEGRADO EM FILOSOFIA
UFPB – UPFE - UFRN

LOURIVAL BEZERRA DA COSTA JÚNIOR

**O Argumento dos Contrários e a Hipótese Sobre a Imortalidade no *Fédon*
de Platão**

NATAL/RN

2013

LOURIVAL BEZERRA DA COSTA JÚNIOR

**O Argumento dos Contrários e a Hipótese Sobre a Imortalidade no *Fédon*
de Platão**

NATAL/RN

2013

LOURIVAL BEZERRA DA COSTA JÚNIOR

**O Argumento dos Contrários e a Hipótese Sobre a Imortalidade no *Fédon*
de Platão**

Tese apresentada ao Programa Integrado de
Doutorado em Filosofia UFPB-UFPE-UFRN
como requisito parcial para obtenção do título
de Doutor em Filosofia

Área de concentração: Metafísica

**ORIENTADOR: Prof. Dr. Markus Figueira
da Silva** - Universidade Federal do Rio Grande
do Norte

NATAL/RN

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Costa Júnior, Lourival Bezerra da.

O argumento dos contrários e a hipótese sobre a imortalidade no Fédon de Platão / Lourival Bezerra da Costa Júnior. – 2013.

197 f. -

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Markus Figueira da Silva.

1. Metafísica. 2. Pensamento. 3. Morte. 4. Imortalidade (Filosofia). I. Silva, Markus Figueira da. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 111

BANCA EXAMINADORA

A tese *O ARGUMENTO DOS CONTRÁRIOS E A HIPÓTESE SOBRE A IMORTALIDADE NO FÉDON DE PLATÃO*, apresentada por Lourival Bezerra da Costa Júnior ao Programa Integrado de Doutorado em Filosofia UFPE/UFPB/UFRN como parte dos quesitos necessários para a obtenção do grau de doutor, foi aprovada pela banca examinadora constituída pelo PPGFIL – Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Em 11 / novembro / 2013.

Prof. Dr. Markus Filgueira da Silva
(Orientador/Presidente – UFRN)

Profa. Dra. Maria das Graças de Moraes Augusto
(Examinador Externo – UFRJ)

Prof. Dr. Admar Almeida da Costa
(Examinador Externo – UFRRJ)

Prof. Dr. Edrisi de Araújo Fernandes
(Examinador Interno – UFRN)

Prof. Dr. José Gabriel Trindade Santos
(Examinador Interno – UFRN)

Dedico este trabalho ao meu filho Agni Guedes Bezerra para que ele se lembre de que o sentido de minha vida o inclui em todos os momentos. Igualmente, o dedico a todos os mestres que não deixaram faltar sentido a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho Agni Guedes Bezerra que com sua luminosa bravura enfrentou os desafios e me deu motivos e força para que eu continuasse quando tudo acontecia em função de uma desistência.

Ao meu orientador, professor Dr. Markus Figueira da Silva, cuja presença serena durante todo o processo de desenvolvimento deste trabalho foi decisiva para que eu pudesse levá-lo a termo.

À professora Dra. Fernanda Machado de Bulhões que marcou significativa e amistosa influência nos momentos difíceis desse empreendimento.

À CAPES, cuja ajuda foi significativamente importante na realização desta pesquisa.

Ao programa de Doutorado Integrado em Filosofia UFPB – UFPE – UFRN, que nos possibilitou tal oportunidade.

À Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – representada pelos Professores: Miriam Campolina Diniz Peixoto, Marcelo Pimenta Marques e Fernando Rey Puente cujas contribuições para o aprofundamento teórico da presente pesquisa foram significativamente importantes.

Que se diga que sem ossos, sem músculos e outras coisas eu não poderia fazer o que me parece, isso é certo. Mas dizer que é por causa disso que realizo as minhas ações e não pela escolha que faço do melhor e com inteligência – essa é uma afirmação absurda. Isso importaria, nada mais nada menos, em não distinguir duas coisas bem distintas, e em não ver que uma coisa é a verdadeira causa e outra aquilo sem o que a causa nunca seria causa.¹

¹ (*Fédon* 98e-99a) Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral mostrar que no *Fédon* de Platão, a associação entre o argumento dos contrários e o argumento da reminiscência (72e – 77e) seguida da analogia da investigação do eclipse do sol (99d-102a), que serve de modelo ao método de investigação ideal mostra que o método naturalista de investigação direta dos fenômenos (99c-100b) não conduz, necessariamente, ao verdadeiro conhecimento. Como método, adotou-se uma leitura comparativa e uma interpretação por aproximação do texto fonte. O resultado aqui obtido é a noção de como se dá o conhecimento no referido diálogo. Como conclusão se afirma que, nessa obra o conhecimento é uma espécie de recordação que se dá como reciprocidade entre um processo negativo de cognição e o estado cognitivo inato.

Palavras-chave: Investigação direta dos fenômenos. Investigação ideal. Pensamento puro. Morte. Imortalidade.

ABSTRACT

The purpose of this work is to show that in Plato's Phaedon, the connection between the argument of the opposites and the argument of reminiscence (72e - 77e), followed by the investigation analogy of the eclipse of the sun (99d - 102a) which serves as a model to the ideal investigation method, shows that the naturalistic direct investigation method of phenomena (99c - 100b) does not, necessarily, conduct to true knowledge. The adopted method has been comparative reading and interpretation through approximation to the original text. The achieved result is an idea of how knowledge takes place in the referred dialogue. In conclusion, it is affirmed that, in this work, knowledge is a type of recollection which happens reciprocally between a negative cognition process and an innate cognitive state.

Key words: Direct investigation of phenomena. Ideal investigation. Pure thought. Death. Immortality.

RÉSUMMÉ

L'objectif général de ce travail est de montrer que dans le Phédon de Platon, l'association entre l'argument des contraires et l'argument des réminiscences (72e – 77e), suivie d'analogie de l'investigation de l'éclipse solaire (99d-102a), qui sert de modèle à la méthode d'investigation naturelle, indique que la méthode naturaliste de l'investigation directe des phénomènes (99c-100b) ne débouche pas forcément sur la vraie connaissance. Pour ce faire, on a adopté la méthode de la lecture comparative et une interprétation d'approche au texte source. Le résultat obtenu ici est celui de la notion de comment se forme la connaissance dans le cadre de ce dialogue. En conclusion, on affirme que dans cet ouvrage, la connaissance est une espèce de souvenir qui se produit selon la réciprocity entre le processus négatif de cognition et la fonction cognitive inée.

Mots-clés: L'investigation directe des phénomènes. L'investigation idéal. La pensée pure. La mort. L'immortalité.

NOTAS PRELIMINARES

Como método do presente trabalho se adotou uma leitura de caráter aproximativo. Tal método se desenvolve em função da tese de que no *Fédon* de Platão o conhecimento se dá como reciprocidade entre processo negativo de cognição e estado cognitivo inato. E para mostrar que é por meio da associação do argumento dos contrários com o argumento da reminiscência que se fundamenta a referida tese. Tal empresa foi realizada por meio da comparação de várias interpretações desse diálogo e objetivou o encadeamento de tópicos, ou subtítulos concisos, por meio do que se busca fundamentar a tese aqui anunciada. Por motivos específicos, como tradução referencial foi adotada a de Jorge Paleikat e João Cruz Costa, editora Abril Cultural, 1972. No entanto, se procurou manter a dinâmica fraseológica do *Fédon de Platão* (Πλάτωνος Φαίδων) organizado por John Burnet em 1903. Então, todas as citações de trechos do referido diálogo, usadas neste trabalho, são retiradas da tradução brasileira mencionada; com exceção das poucas vezes em que se utiliza outra tradução; nesses casos ocorrerão observações.

As expressões: ‘método de investigação direta dos fenômenos’ e ‘método de investigação ideal’ são retiradas do contexto da tradução referencial para se referirem aos métodos de aquisição do conhecimento presentes nessa obra. A expressão: investigação ideal se referirá sempre à dialética platônica usada para fazer distinção entre as Formas² e as coisas sensíveis. O comentador desse diálogo mais ressaltado neste trabalho é o pesquisador José Gabriel Trindade Santos, em função de sua supracitada análise do *Fédon*³.

² De acordo com Santos, José Trindade, 2008, ps. 59, 60, 61, a expressão "teoria das Formas" (TF) não se encontra uma única vez na obra de Platão. É responsável por ela a tradição aristotélica, que, prosseguindo a crítica iniciada pelo Estagirita, em textos como os da *Metafísica* A6 e 9, constitui *indiretamente* a "teoria" platônica aí exposta como objeto das críticas da escola. Por sua vez, o termo Forma (no singular, *eidos*, *idea*) aparece com frequência nos diálogos platônicos, menos vezes com o sentido técnico do que com sentidos não-técnicos (ou seja, quando se pensa não manifestar qualquer associação à teoria), como o de "vulto", ou quase técnico, como o de "aspecto" ou "característica" (ver *Éut.* 6d-e; *Mên.* 72c). Mas também aparece em alguns diálogos com o que pode ser visto como um *outro* sentido técnico, traduzido por "gênero", "classe" ou mesmo por "forma"...". Trindade acrescenta: "O termo e a noção de Forma são pela primeira vez, no *Fédon*, usados para caracterizar a oposição da alma ao corpo e reforçar de modo expressivo como só na alma reside a capacidade de "atingir a realidade" (*tês alêtheias haptetai*: 65b). Sendo as Formas invisíveis, o corpo não pode chegar a elas por intermédio da sensibilidade (65d-e). Essa possibilidade é então reservada à alma, que as atingirá pelo pensamento e pelo raciocínio (*dianoiai, logismou*: 665e-66a). Mais adiante, Sócrates, que em diversos diálogos não se cansa de insistir neste ponto, explicará por quê".

³Referência à *Platão, Fédon, introdução e comentário*. SANTOS, José Gabriel Trindade, 1998.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
----------------------------	-----------

PRIMEIRO CAPÍTULO

2. A PRIMEIRA REFLEXÃO DE SÓCRATES NO <i>FÉDON</i>	27
2.1 Desenvolvimento da Crítica Contra o Método Naturalista	33
2.1.1 Análise da Primeira Reflexão de Sócrates.....	38
2.1.2 O Caráter Absurdo Dos Processos Sensíveis.	42
2.1.3 A Relação Entre os Contrários e o Método Naturalista.....	43
2.1.4 A Oposição Entre os Fenômenos Contrários e o Método Naturalista	44
2.1.5 Esopo e o Método Naturalista.....	50
2.1.6 O Alívio de Sócrates e o Método Naturalista	55
2.1.7 As Imagens e os Mitos da Reflexão do Filósofo	56

SEGUNDO CAPÍTULO

3. A MORTE E O MÉTODO DA OBSERVAÇÃO IDEAL DOS OBJETOS.....	62
3.1 O Conhecimento e a Alma em Forma Humana.....	70
3.1.2 O Pensamento Como Objeto do Pensamento.....	73
3.1.3 A Impertinente Exigência de Cebes	74
3.1.4 O Argumento dos Contrários e Suas Associações	75
3.1.5 A Imaginação e a Reminiscência Pura	77
3.1.6 Os Conteúdos do Pensamento	78
3.1.7 Os Conteúdos do Pensamento e o Conhecimento Verdadeiro	80
3.1.8 A Investigação Direta dos Fenômenos Semelhantes.....	83
3.1.9 Uma Definição de Pensamento Segundo a Distinção Fundamental.....	87
3.1.10 A Morte e o Conhecimento Verdadeiro	89
3.1.11 Como o Saber Filosófico Libera a Alma do Corpo.....	90
3.1.12 O Silêncio de Sócrates e o Canto dos Cisnes	92
3.1.13 O Pensamento Puro e a Morte da Lira.....	93
3.1.14 O Pensamento Puro e a Morte do Tecelão	97
3.1.15 Fédon Retoma a Narrativa	101

TERCEIRO CAPÍTULO

4. O ARGUMENTO DA REMINISCÊNCIA E A RESPOSTA A SÍMIAS	103
4.1 Confusão Entre Causa e Fenômeno	104
4.1.1 Investigação Direta e Investigação Ideal	110
4.1.2 A Investigação Ideal e as Verdadeiras Causas.....	113
4.1.3 Como se Dá a Participação no <i>FÉDON</i>?	114
4.1.4 O Conhecimento e a Ambivalência da Linguagem.....	117
4.1.5 O Interlocutor Anônimo e o Argumento dos Contrários.....	118
4.1.6 A Nomeação das Coisas e o Conhecimento Verdadeiro.....	120
4.1.7 A Terceira Recorrência à Distinção Fundamental	126
4.1.8 A Morte e a Diferença Entre Sócrates e Seu Corpo	133

QUARTO CAPÍTULO

5. UMA SÍNTESE DO <i>FÉDON</i>.....	134
5.1 O Tema Central do <i>FÉDON</i>	134
5.1.1 Sobre a Primeira Reflexão de Sócrates.....	135
5.1.2 Sócrates e as Fábulas de Esopo	135
5.1.3 O Motivo do Tema Central do <i>FÉDON</i>.....	136
5.1.4 O início da Primeira Navegação de Sócrates	136
5.1.5 A Morte Para o Vulgo	137
5.1.6 A Morte Para o filósofo	137
5.1.7 Exigência de Cebes e Símiás	138
5.1.8 A Questão da Separação no <i>FÉDON</i>	138
5.1.9 A Separação Entre Focos do Pensamento	140
5.1.10 A definição de alma no <i>Fédon</i>	143
5.1.11 A Importância das Sensações na Aquisição do Saber	144
5.1.12 A Segunda Navegação	150
6. Considerações Finais	167
REFERÊNCIAS.....	185

1. INTRODUÇÃO

A tese que se busca defender neste trabalho é a de que no *Fédon* de Platão o conhecimento verdadeiro se dá como reciprocidade entre um processo negativo de cognição⁴ e o estado cognitivo inato⁵. Vários passos serão dados na fundamentação da referida tese. Por exemplo, por causa da tendência unilateral de certas interpretações investiga-se o estilo de vida do filósofo para mostrar se seu cotidiano é determinado pela imposição de uma disciplina ascética ou pelo que sua alma conhece. O presente trabalho dará total importância às afecções que os conteúdos do pensamento propiciam ao pensador.

Igualmente, é preciso investigar em que medida a distinção entre as sensações e aquilo do que são sensações assume um lugar privilegiado no referido diálogo. As sensações podem ser consideradas ao mesmo tempo propiciadoras e entraves do verdadeiro conhecimento?

Quanto às nomeadas provas da imortalidade da alma se busca mostrar que a argumentação central desse diálogo não se refere, exclusivamente, à exigência de uma prova fenomênica da imortalidade de *psyche*⁶ como exigem os interlocutores de Sócrates a partir de (70 a). Parece que a argumentação de Sócrates sobre essa questão se refere especificamente à necessidade do modo filosófico de pensar a imortalidade. Aliás, acredita-se que esse diálogo se desenvolve em torno de dois modos de aquisição do saber e estabelece uma diferença entre dois tipos de exigências: o chamado método, ou modo de investigação direta dos fenômenos⁷ e o chamado método, ou modo dialético de investigação ideal⁸.

O presente trabalho investigará também em que sentido nesse diálogo a morte segundo o pensar filosófico constitui um bem e assegura a aquisição do verdadeiro saber. Pois, morte e purificação do pensamento se confundem nessa obra. Em outros termos, parece que no *Fédon* Platão desenvolve uma crítica contra o modo naturalista de investigação direta dos fenômenos para mostrar que somente o pensamento puro conhece verdadeiramente.

⁴ Por processo negativo de cognição esta pesquisa entende um conhecimento propiciado pelo processo de negação dos derivados das sensações, ou purificação do pensamento, que começa em 64a, se estende com a pergunta sobre o que é a morte segundo o pensar filosófico a partir de (64e) e ganha maior profundidade a partir de (64a).

⁵ Por estado cognitivo inato esta pesquisa entende um conhecimento que a alma tem antes de usar as sensações, antes de nascer em forma humana como está exposto a partir de (72e).

⁶ Prova fenomênica aqui se refere à descrição de ocorrências na dimensão espaço-temporal.

⁷ De acordo com a tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa, Abril Cultural, 1972, tal método busca a aquisição do conhecimento investigando os fenômenos diretamente, por meio das sensações.

⁸ Tal método busca a aquisição do conhecimento investigando as Formas inatas, sem o uso das sensações e seus derivados.

Se o debate presente no *Fédon* começa com a apresentação da tese de que a filosofia é um treino para a morte e se complementa pela distinção entre alma e corpo (64c) será preciso admitir que pensar objetos distintos de aspectos sensíveis é conhecer verdadeiramente. Sendo assim, a morte será de fato o objeto de maior valor para o pensar filosófico e implicará não numa separação espácio-temporal entre alma e corpo, mas numa distinção, ou dialética entre sentir e pensar. Caso seja demonstrada tal hipótese, isto implicará em dizer que o verdadeiro conhecimento se dá no momento em que a alma faz essa distinção e recorda o saber inato sem confundi-lo com os conteúdos da imaginação. Porém, parece que não basta morrer como o vulgo ou mesmo como o suicida (apenas separando a alma do corpo de modo espácio-temporal). A verdadeira separação entre alma e corpo é a convicção de que sentir e pensar são modos distintos. Não é verdade que no *Fédone* imagens são derivadas das sensações e distintas daquilo do que são imagens?

O presente trabalho se dividirá em quatro capítulos na tentativa de mostrar como é possível sustentar a tese aqui anunciada.

O primeiro capítulo se desenvolverá em torno da análise sobre a primeira reflexão de Sócrates. Isto ocorrerá no intuito de examinar em que medida tal reflexão se desenvolve para dar suporte à crítica que Platão levanta contra o modo naturalista de aquisição do conhecimento. Será preciso investigar que relação essa reflexão estabelece com os modos de aquisição do saber presentes nesse diálogo. Qual o papel que exerce essa reflexão na construção dessa crítica, ou seja, em que medida além de guiá-la favorece os principais argumentos a favor do modo de investigação ideal? Para responder essa questão será necessário problematizar e discutir, sobretudo, a tese de que os fenômenos são inapreensíveis. Será que através dessa reflexão Platão quer mostrar, por meio de um único exemplo, tudo que se pode dizer sobre as sensações e seus derivados no contexto da aquisição do saber efetivo? A importância dessa reflexão existe porque, talvez ela conceda a base daquilo que pode ser conhecido e daquilo que não pode ser conhecido nesse diálogo. Sendo assim, entre as questões pertinentes aos problemas encontrados na análise da referida reflexão se destacam perguntas como: qual o papel das sensações na aquisição do conhecimento no *Fédon*?

O próximo passo será investigar como se desenvolve a crítica contra o método naturalista. Por isso será desenvolvida a análise propriamente dita da primeira reflexão de Sócrates. Isto ocorrerá por meio da apresentação da sequência das frases mais importantes que o filósofo enuncia em torno do binômio prazer/dor.

A partir de qual base Platão desenvolve sua crítica contra o modo naturalista de investigação direta dos fenômenos? Que relação tem essa base com o naturalismo? Qual o

real intuito de Platão ao preludiar todos os argumentos do *Fédon* com uma reflexão em torno da relação entre duas sensações tidas como contrárias? Porque é que o caráter absurdo dos processos sensíveis é o primeiro a ser ressaltado nessa reflexão? Será que a descrição da ambivalência e do caráter absurdo dos fenômenos e de seus derivados sensíveis aponta, conseqüentemente, para a impossibilidade da necessária aquisição do conhecimento quando se utiliza um método que investiga a verdade das coisas imediata e sensivelmente? Há incompatibilidade entre a oposição dos fenômenos contrários e o método naturalista de aquisição do conhecimento? Qual a relação que se pode estabelecer entre o fabulista Esopo e o método naturalista? Finalmente, qual a origem das imagens e dos Mitos das reflexões do filósofo no *Fédon*? Tais respostas devem ser encontradas considerando-se a relação entre os contrários no contexto do método naturalista. Pois, talvez a reflexão de Sócrates seja apenas um prelúdio que Platão faz para desenvolver todos os argumentos em favor da crítica que levanta contra o método de investigação direta dos fenômenos. Portanto, tais serão as questões perseguidas no primeiro capítulo deste trabalho.

O segundo capítulo se desenvolverá em torno da relação que se pode estabelecer entre a morte para o filósofo e o método de investigação ideal. Por isso, supondo que a morte seja necessária a esse método e à obtenção do verdadeiro conhecimento tal capítulo recorrerá à questão da purificação do pensamento. Mas, agora o fará relacionando essa purificação também a alma existente num corpo humano, uma vez que se prender aos derivados das sensações constitui entrave ao verdadeiro conhecimento. Então, será necessário problematizar e discutir, sobretudo, a tese de que há uma medida para a aquisição do conhecimento verdadeiro numa alma que se encontra em forma humana. Será necessário investigar ainda quais são as dificuldades ao modo de investigação ideal, qual é o sentido real do termo “morte” e, portanto, de purificação do pensamento necessária ao referido método. Por isso, o projeto do filósofo será descrever as razões pelas quais ele considera que o homem que realmente consagrou sua vida à filosofia é senhor de legítima convicção no momento da morte, possui esperança de ir encontrar para si, além da realidade sensível, excelentes bens quando estiver morto (63e – 64a). A pergunta que guia esse projeto é: “como pode ser assim?” Para obter a resposta para essa pergunta o filósofo organiza um raciocínio que tem a seguinte conclusão: quando uma pessoa se dedica à filosofia no sentido correto do termo, os demais ignoram que sua única ocupação consiste em preparar-se para morrer e estar morto (64a). Por isso, nesse capítulo será investigado se a partir desse projeto se torna possível fazer confusão entre a referida conclusão lógica e uma mera hostilidade ao corpo e às sensações. Será que tal hostilidade não passaria de uma contradição face ao que diz o argumento da

reminiscência sobre as sensações na aquisição do conhecimento em 75a? Será que as palavras de Sócrates implicarão em dizer que o filósofo não está sendo hostil às sensações? Para obter tal resposta e fundamentar a tese aqui anunciada será preciso analisar os seguintes raciocínios:

1)

- a) O verdadeiro saber é uma recordação de um saber inato (72e).
- b) As Formas inatas são distintas das sensações e de seus derivados (65a-d).
- c) Logo, o foco do pensamento do filósofo é a distinção entre o saber inato e as sensações (64d-67c).

2)

- a) As sensações propiciam a recordação das Formas inatas (75a-77a).
- b) As imagens derivadas das sensações são cópias imperfeitas das Formas inatas (74a - 75b).
- c) Logo, recordar é distinguir a imagem daquilo do que a imagem é imagem (73c-74b), através do que o pensamento do filósofo transcende as sensações propiciadoras do verdadeiro saber.

3)

- a) A morte para o filósofo é distinta da morte para o suicida (61c - 63d) e distinta da morte para o vulgo (64b-d).
- b) A morte para o filósofo corresponde à negação de que a imagem seja idêntica àquilo do que a imagem é imagem.
- c) Logo, no *Fédon* o saber verdadeiro se dá como reciprocidade entre o processo de negação dos derivados das sensações e o estado cognitivo das Formas inatas.

Tendo em vista o que está nos raciocínios acima será necessário investigar se Sócrates está ditando uma disciplina ascética para o filósofo ou apenas descrevendo o estilo de vida daquele que tem o pensamento focado no que é distinto das sensações. Por tudo isto esse capítulo investigará em que medida é possível dizer que; no *Fédon* as sensações são necessárias à recordação do verdadeiro saber e somente constituem obstáculo para o pensamento cujo foco permanece preso aos sentidos enquanto deveria ir, por meio das sensações, ao que é além das sensações. Parece que isto tudo implicará realmente em dizer que o que está em jogo nessa obra é o foco do pensamento do filósofo. Então, não seria oportuno investigar também se o pensamento pode ser objeto do próprio pensamento? Igualmente, acredita-se que tal problematização deve estar relacionada à impertinente

exigência de Cebes no tocante a uma prova fenomênica da sobrevivência da alma após a morte do corpo. Aliás, acredita-se também que seja tal exigência que abre o diálogo para a investigação do argumento dos contrários e suas associações, por exemplo, a associação desse argumento ao argumento da reminiscência. Sendo assim, será preciso investigar também de que modo a referida associação está relacionada com: a primeira reflexão de Sócrates, a definição de morte para o filósofo, o processo de negação dos entraves derivados das sensações (65a-69b)⁹, os vários exemplos de como se dá a recordação (72e -77e), a função purificadora da filosofia (80e-84b), a crítica platônica à noção naturalista de causa geradora e corruptora de todas as coisas (95e - 99d), e com a crítica platônica à inadequada nomeação das coisas (102a-107b). Por isso, se o argumento dos contrários percorre transversalmente toda a argumentação do diálogo não seria necessário dar importância a sua estrutura fundamental na associação com os outros argumentos e no que diz respeito à obtenção do conhecimento? Tendo em vista tal associação, será necessário problematizar e discutir, sobretudo, a tese de que a imaginação é distinta da reminiscência pura e que a distinção entre os conteúdos do pensamento é absolutamente necessária na questão da recordação das Formas inatas. Por isso, no referido capítulo será investigada a importância do processo de imaginação no contexto da obtenção do verdadeiro conhecimento. Como é que a imaginação, a associação entre o argumento dos contrários e a reminiscência pura estão relacionados à aquisição do verdadeiro conhecimento?

Será que no *Fédon* a imagem é algo sensível? Através da imagem a realidade inteligível se deixa ver como aquilo do que a imagem é imagem? É também a algo derivado das sensações que, no contexto do método de investigação ideal, deve ser negada para que ocorra a purificação do pensamento e a aquisição do verdadeiro conhecimento? Qual a importância de tais questões no contexto dessa obra? Ora, tal problematização implicará na

⁹ Considera-se aqui que o processo de purificação do pensamento começa a ser descrito a partir das seguintes perguntas: - E agora diz-me: quando se trata de adquirir verdadeiramente a sabedoria, é ou não o corpo um entrave se na investigação lhe pedimos auxílio? Quero dizer com isso, mais ou menos, o seguinte: acaso alguma verdade é transmitida aos homens por intermédio da vista ou do ouvido, ou quem sabe se, pelo menos em relação a estas coisas não se passem como os poetas não se cansam de no-lo repetir incessantemente, e que não vemos nem ouvimos com clareza? E se dentre as sensações corporais estas não possuem exatidão e são incertas, segue-se que não podemos esperar coisa melhor das outras que, segundo penso, são inferiores àquelas. Não é também este o teu modo de ver? - [...] - Quando é, pois, que a alma atinge a verdade? Temos dum lado que, quando ela deseja investigar com a ajuda do corpo qualquer questão que seja, o corpo, é claro, a engana radicalmente. - [...] Não é, por conseguinte, no ato de raciocinar, e não de outro modo, que a alma apreende, em parte, a realidade de um ser? - [...] E, sem dúvida alguma, ela raciocina melhor quando nenhum impeço lhe advém de nenhuma parte, nem do ouvido, nem da vista, nem dum sofrimento, nem sobretudo dum prazer - mas sim quando se isola o mais que pode em si mesma, abandonando o corpo à sua sorte, quando, rompendo tanto quanto lhe é possível qualquer união, qualquer contato com ele, anseia pelo real? - [...] E não é, ademais, nessa ocasião que a alma do filósofo, alçando-se ao mais alto ponto, desdenha o corpo e dele foge, enquanto por outro lado procura isolar-se em si mesma? - [...] Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa.

¹⁵ Por onto-epistemologia aqui se entende a distinção entre inteligíveis e sensíveis.

relação que se pode estabelecer entre os conteúdos do pensamento e a aquisição do conhecimento verdadeiro. Igualmente, para adquirir o conhecimento das Formas inatas talvez deva haver uma investigação direta de fenômenos semelhantes, o que parece ser uma contradição entre o Platão que pensa um corpo obstáculo e o Platão que pensa as sensações como propiciadoras do conhecimento das Formas perfeitas. Então, tal abordagem dependerá de uma definição de pensamento que esteja de acordo com a distinção fundamental entre sentir e pensar, entre sensível e inteligível. Ademais, tudo isto deve implicar na tese de que a morte para o filósofo é idêntica ao conhecimento verdadeiro e o saber filosófico libera a alma do corpo. Igualmente, para fundamentar a tese aqui anunciada, no que se refere à captura das Formas inatas, é preciso investigar se a tese do argumento da reminiscência afirma que somente o exercício do pensamento, do raciocínio e do cálculo permitem captar esse tipo de entidades, que são caracterizadas como perfeitas, eternas e imutáveis como está em *Banquete* 210 a-d. Em outras palavras, será que é mesmo pela associação entre o argumento dos contrários e o argumento da reminiscência que Platão busca resolver o problema do pensamento sobre a imortalidade no *Fédon*? Caso seja, então será preciso admitir que tal associação deva estar conectada a vários aspectos que se entrelaçam. Por exemplo, a morte histórica de Sócrates tal qual é narrada por Platão no *Fédon* parece se tornar um modelo que orienta tanto a onto-epistemologia¹⁰ quanto a crítica ao método naturalista de aquisição do conhecimento. Considerando a diferença entre o método naturalista de investigação direta dos fenômenos e o método platônico de investigação ideal, este trabalho investigará se a morte histórica de Sócrates ao transformar a morte em objeto da investigação filosófica favorecerá a argumentação contra a falibilidade do método naturalista. Tal será a investigação abordada no segundo capítulo do presente trabalho.

O terceiro capítulo se desenvolverá em torno de tópicos tais como: a relação que se pode estabelecer entre o argumento da reminiscência e a resposta a Símiias. Pois, o argumento que Sócrates trará de volta nesse passo do diálogo é justamente esse. Então, será preciso problematizar o seguinte: é necessário que a alma tenha vivido no Hades antes de nascer em forma humana (como está em 91e-92a) para que esteja justificado o argumento da reminiscência? Ora, se tanto uma lira quanto as vestes de um tecelão são de natureza humana, visíveis e corpóreas, então, será preciso investigar se é contraditório que tanto Símiias quanto Cebes aceitem o argumento da reminiscência. Por isso parece não ser em vão que Sócrates antes de entrar nessa resposta tenha feito um longo comentário sobre aqueles que aceitam

¹⁰ Por onto-epistemologia aqui se entende a totalidade do conhecimento que abrange a relação entre as Formas perfeitas e as coisas sensíveis que delas participam.

argumentos sem os compreender (89b-91e). A propósito, aquele que aceita que a harmonia, sendo composta por matéria sonora, derivada do dedilhar de uma lira seja, ao mesmo tempo, algo humano e tenha existido antes de assumir a forma humana talvez não tenha compreendido o referido argumento da maneira que Sócrates o coloca. Igualmente, será preciso questionar o seguinte: como se dá a imaginação do ponto de vista do argumento da reminiscência? É suficiente mostrar o método propiciador de uma recordação ou é preciso investigar como surgem e de que natureza podem ser os conteúdos de uma recordação, ou de um pensamento? Não será justamente para satisfazer perguntas como estas que Sócrates inicia a análise sobre tais conteúdos levando em consideração o problema da imaginação? Parece que Sócrates não aponta apenas o método, mas todas as ocorrências dentro de uma recordação. Portanto, será preciso investigar se nesse exemplo, naquilo a que se pode dar o nome de recordação ou pensamento, são geradas associações de imagens, ou seja, ocorre a imaginação. Daí a importância de investigar a noção de imaginação nesse diálogo, de que modo esse problema está relacionado ao método de investigação direta dos fenômenos e com a crítica de Platão contra esse método. Ora, parece que a recordação não se dá sempre do mesmo modo para todas as coisas. Caso seja assim, vários problemas devem ser resolvidos em relação ao método naturalista de aquisição do verdadeiro saber. Pois, parece que os objetivos do argumento da reminiscência, além de favorecer a defesa de Sócrates (61b), de verificar se o pressuposto de que aprender é apenas recordar é uma verdade (72e) será também o de fundamentar a tese de que o método naturalista de investigação direta dos fenômenos não conduz, necessariamente, ao conhecimento verdadeiro. Nesse caso, através dos exemplos de recordação apresentados por Sócrates, o pensador será levado a refletir sobre os conteúdos de seu próprio pensamento, ou seja, o pensamento será levado a refletir sobre si mesmo. Por meio de tais exemplos talvez seja possível concluir que o pensamento reflexivo é algo diferente daquela imaginação que não faz distinção entre imagem e imaginado. Caso seja assim, será preciso admitir a necessidade de uma alma pensante que saiba fazer distinção entre a imagem e aquilo do que a imagem é imagem. Ou seja, de uma alma que negue que a imagem é idêntica ao objeto do conhecimento. Será preciso admitir também a necessidade de um método de investigação diferente da investigação direta dos fenômenos. Ainda por isso será preciso investigar se associação entre o argumento dos contrários e o argumento da reminiscência existe para reforçar a noção de que a realidade verdadeira deve pertencer ao âmbito do pensamento e não da sensibilidade. Ora, quando examinados os fenômenos semelhantes e a relação que daí se pode estabelecer com a aquisição do conhecimento das Formas inatas não parece pertinente admitir que haja objeto do pensamento sem uma alma

pensante. Igualmente, não parece pertinente admitir que haja purificação do pensamento sem a distinção entre imagem e aquilo do que a imagem é imagem. Não é justamente isso que causa uma confusão entre a verdadeira causa e o fenômeno? Do mesmo modo será preciso investigar o seguinte: não estaria o pensamento de Cebes equivocado pela falta de compreensão da noção de morte para o filósofo ao se fundamentar exclusivamente no aspecto fenomênico daquilo a que se chama morte e daquilo a que se chama vida quando tenta refutar o argumento de Sócrates? Não estaria Cebes raciocinando a partir da perspectiva da investigação direta dos fenômenos espacio-temporais? Talvez seja por isso que ao ser refutado por Cebes, somente depois de uma longa pausa, absorvido pelo silêncio meditativo, Sócrates anuncia a perspectiva a partir da qual desenvolverá sua defesa e coloca o problema do seguinte modo: a alma é indestrutível e imortal; sem o que, para o filósofo que está próximo de morrer, a confiança, a convicção de ir encontrar no além, depois da morte, uma felicidade que jamais teria alcançado se vivesse doutra forma, essa confiança seria, pensa, desarrazoada e tola (95b-c). A partir dessa nova problematização o diálogo será direcionado para questão do conhecimento sobre as verdadeiras causas da geração e corrupção de todas as coisas. O problema agora será: como conhecer verdadeiramente o que faz as coisas serem geradas ou corrompidas? Tal problematização culminará no conhecimento daquilo que se destrói e daquilo que é indestrutível. Por isso, o discurso de Sócrates estará voltado, finalmente, para o método de investigação ideal. Tanto a investigação direta quanto a investigação ideal terão agora lugar privilegiado nesse diálogo. Sócrates despreverá o método que deve tomar o lugar do método naturalista. Então, nessa nova navegação o filósofo começará por fazer uma analogia entre a investigação de um eclipse do sol e a investigação ideal. Por isso, novamente tendo em vista a fundamentação da tese aqui anunciada será preciso analisar o seguinte raciocínio:

- a) Aqueles que observam e estudam um eclipse do sol sem o espelho da superfície da água ou de matéria semelhante estragam os olhos (99d-e).
- b) O citado espelho deve refletir a imagem do fenômeno investigado.
- c) O filósofo deve investigar as imagens através do espelho e não dos fenômenos investigados para que sua alma não fique completamente cega (99e).
- d) Logo, na investigação do filósofo existem quatro figuras necessárias para a compreensão da referida analogia: o investigador, o espelho, o fenômeno e a imagem.

Considerando o raciocínio de Sócrates será preciso examinar o que significa cada uma dessas figuras. Então, será necessário descobrir o sentido das palavras acrescentadas pelo filósofo a essa mesma analogia. Quando o filósofo se refere àquilo que possui a qualidade de mediador das imagens, ou seja, a um espelho, a que está se referindo através dessa figura? Quer ele dizer que o que importa é refletir de modo mediato e não de modo imediato, já que a investigação imediata, ou investigação direta desse fenômeno poderia cegar completamente a alma desse investigador? Para obter tais respostas será preciso investigar e problematizar as palavras que completam essa analogia. Pois, essas palavras constroem o seguinte raciocínio:

- a) O filósofo não aceita sem reservas que a investigação ideal seja melhor do que aquela que deriva de uma experiência dos fenômenos¹¹.
- b) Na investigação ideal o filósofo deve buscar refúgio nas ideias e procurar nelas a verdade das coisas, deve tomá-las como base, em cada caso. Pois, a ideia lhe é mais sólida, quer se trate de uma causa ou de outra qualquer coisa (99e -100a).
- c) Logo, se de acordo com a analogia do eclipse do sol é necessário investigar através de um espelho; na investigação ideal esse espelho não pode ser o fenômeno nem sua imagem especulada. Esse espelho é a ideia, que é tomada em cada caso como sendo a mais sólida, quer se trate de uma causa ou de outra qualquer coisa.

Considerando esse raciocínio será preciso investigar a natureza de um espelho¹², já que é essa a figura daquilo que deve mediar à investigação do filósofo. Igualmente, é preciso

¹¹ Jorge Paleikat em *Os Pensadores*, Diálogo *Fédon*, 1972, p.112. faz a seguinte observação: o sensualista é que observa mais em “imagens”, pois os objetos materiais não passam de imitações imperfeitas das idéias eternas.

¹² As interpretações mais comuns que se pode encontrar para o termo espelho são: 1) Superfície lisa e muito polida capaz de refletir a luz e as imagens de objetos e pessoas. 2) Lâmina de vidro ou de cristal, metalizada na face posterior e cuja face anterior é usada para refletir a luz e as imagens de objetos e pessoas. 3) Derivação por extensão de sentido: qualquer superfície plana capaz de produzir reflexos em certas circunstâncias. Ex.: e. de uma lagoa. 4) Derivação por sentido figurado: o que deixa transparecer alguma coisa; reflexo. Ex.: as notas dos alunos são o espelho da sua dedicação. 5) Derivação por sentido figurado: modelo a ser seguido; exemplo. Ex.: foi um espelho para os políticos de hoje. 6) Na construção: superfície vertical de um degrau de escada; pé. 7) Na encadernação: m.q. charneira ('reforço de pano'). 8) m.q. planilha ('cada uma das duas faces'). Nas artes gráficas, jornalismo: esquema das matérias a serem paginadas e suas respectivas retrancas. 10) Na morfologia zoológica: m.q. espéculo ('mancha clara') 11) Rubrica: turfe. m.q. disco final. 12) De acordo com Duarte Silva: um espelho na física é uma superfície muito lisa que permite um alto índice de reflexão de luz conseguindo reflectir a imagem que esta diante do mesmo de formas diferentes consoante o seu género (planos e esféricos). Se nos virmos diante um espelho comum (plano), vemos a nossa imagem com mesma forma e tamanho, mas que parece estar atrás do espelho à mesma distância a que estamos dele. Os raios que partem do objecto, diante do espelho plano, reflectem-se no espelho e atingem os nossos olhos permitindo assim a reflexão da nossa imagem. Deste modo recebemos raios luminosos que percorreram uma trajectória angular e temos a impressão de que vem algo atrás do espelho, em linha recta, ou seja, mentalmente prolongamos os raios reflectidos, em sentido contrário, para trás do espelho, sendo assim simétrica a realidade é enantiomorfa. Relacionando a área da química também podemos ver que a descoberta de substâncias mais indicadas para a criação dos mesmos, facto que se reflecte na história pois inicialmente os espelhos eram feitos de cobre, passando para a prata, alumínio e estanho, sendo

investigar se Sócrates quer confirmar que as ideias são os espelhos a que se referia através da analogia. Pois, depois de anunciá-la aprofundará sua explicação através de uma antiga teoria já muitas vezes discutida, ou seja, recorrendo ao pressuposto de que há um belo em si, um bom, um grande em si mesmo, e do mesmo modo as demais coisas que são em si mesmas. Ou seja, pressupondo as Formas inatas (100a-b). Isto tudo parece preludiar o que o filósofo dirá sobre a Teoria da participação. Ora, caso fique demonstrado que nenhuma causa sensível decorrente da observação direta dos fenômenos pode ser tomada como a verdadeira causa de algo, nem a cor, nem qualquer coisa da mesma natureza sensível pode ser uma verdadeira causa como está colocado em 100c-d. Então, a ideia de que somente o método de observação ideal está apto a captar o conhecimento verdadeiro será garantida. Isto justificaria o motivo pelo qual o filósofo se afasta sem discutir quando alguém lhe apresenta uma causa decorrente da observação direta dos fenômenos. Seu próximo passo, então, deveria ser uma explicação de como se dá a participação. Contudo, mesmo que esse filósofo esteja convencido de que o que faz belo um objeto qualquer é o Belo em si; será surpreendente sua aparente incapacidade de explicar como as coisas participam das ideias. É possível dizer que o filósofo explica de modo indireto como se dá a participação no *Fédon*? Agora o diálogo se aprofundará tendo em vista a perspectiva do uso da linguagem adequada. Essa investigação será realizada com base no argumento da afinidade, a partir do que ficará clara a noção de alma nesse diálogo. Já a interferência do interlocutor anônimo será problematizada como um ponto crítico do *Fédon*, pois através dela Platão mostra o segundo aspecto do argumento dos contrários que está associado ao argumento da reminiscência, aquela associação que fundamenta como se dá a aquisição do verdadeiro saber nessa obra.

No tocante a nomeação das coisas e sua relação como o conhecimento verdadeiro serão ressaltadas e comentadas algumas confusões que o problema da linguagem pode

posteriormente utilizado vidro com as substâncias metálicas. Relativamente aos espelhos curvos, resultam do corte de uma esfera em que uma de suas superfícies é espelhada, com reflexão regular (especular). Assim, surgem dois tipos de espelhos, os côncavos e os convexos. No primeiro a superfície reflectora é interna, e no segundo externa. Ao passarmos um feixe de luz paralelo ao eixo óptico, a luz será toda desviada para um ponto comum sobre o eixo óptico chamado de foco. Esse feixe corresponde à luz vinda de um objecto muito longe ou perto dependendo do tipo. Emitindo assim imagens distintas. Num espelho plano comum pode ver-se o inverso da realidade com a mesma forma e tamanho, que parece encontrar-se atrás do espelho. Essa imagem é enantiomorfa (simetria entre dois objectos que não se podem sobrepor) em relação à realidade. Os raios que partem de um objecto, diante de um espelho plano, reflectem-se no espelho e atingem nossos olhos. Assim, recebemos raios luminosos que descreveram uma trajectória angular e temos a impressão de que são provenientes de um objecto atrás do espelho, em linha recta, isto é, mentalmente prolongamos os raios reflectidos, em sentido contrário, para trás do espelho. Disponível em: <https://sites.google.com/a/didaxis.org/espelhos/projecto-em-construcao/fisica>. Contudo, para este trabalho um espelho é necessária e simultaneamente: distinto da matéria na qual ocorre e aquilo que propicia aparição imagística. Quer-se dizer com isto que o verdadeiro espelho não pode ser visto. Pode ser vista apenas a matéria que o propicia e as imagens nele refletidas. Portanto, é necessário distinguir a imagem daquilo do que ela é imagem e do espelho que a reflete.

propiciar aos intérpretes desse diálogo. Quanto ao problema da nomeação das coisas e o discurso concordante com a verdade é preciso investigar como se chega ao problema da predicação no *Fédon* e qual a relação que esse problema tem com a aquisição do saber efetivo. Se, na referida obra somente se pode afirmar que coisas sensíveis são iguais ou diferentes quando há uma noção de igualdade a *priori* na mente, então essa noção de igualdade deve ser de tal ordem que ela permita aplicar ou retirar o predicado de igual, ou permita a verificação de como esse predicado pode ser aplicado à algumas coisas e não para outras. Esta verificação deve ocorrer tendo em vista que mesmo que as pessoas tenham direito às suas opiniões, aos seus juízos de gosto, esse direito não faz de uma opinião uma verdade necessária. A propósito, acredita-se que com esse momento do diálogo Sócrates dará mais um passo na questão dos métodos de aquisição do conhecimento. Ou seja, o método de investigação direta dos fenômenos cederá cada vez mais ao método de observação ideal uma vez que a argumentação de Sócrates abrirá para a explicação do que é o verdadeiro contrário e se referirá ao duplo afastamento entre os contrários completando sua defesa (103b-107b). Então, como recurso importante do problema da aquisição do saber e do problema da linguagem presentes nessa obra será levada em consideração aquela sugestão inicial de Sócrates, a saber, a de se fazer uma investigação racional sobre a morte e narrá-la por meio do mito. Finalmente, o referido capítulo buscará mostrar como é que Platão completa essa obra marcando a diferença entre Sócrates e o corpo de Sócrates como recurso a favor de sua crítica contra o método de investigação direta dos fenômenos.

O quarto capítulo será a procura por uma síntese do *Fédon*, onde serão ressaltados alguns aspectos importantes para uma melhor compreensão da tese aqui defendida, por exemplo: quem é seu narrador, a quem foi narrado esse diálogo, em que estilo literário esse diálogo é inserido, qual o sinal que seu narrador dá logo no início de sua narrativa, dentro de quais circunstâncias ocorreu a execução da sentença dada ao filósofo, como se comportaram os que ali estavam presentes, qual era o comportamento do próprio Sócrates. Qual é realmente o tema central do *Fédon*? É preciso reabrir essas questões para aprofundar a riqueza dos temas encontrados nessa obra e inseri-la no contexto de um diálogo voltado para a busca do verdadeiro conhecimento, em que dois métodos de aquisição do saber são postos em discussão. Para tanto, será necessário recorrer mais uma vez à primeira reflexão de Sócrates como modelo para os argumentos que a sucedem.

Igualmente, a síntese aqui desenvolvida dará importância, ainda que de modo conciso, a questões da seguinte ordem: qual a relação que se pode estabelecer entre a primeira reflexão de Sócrates e os métodos de aquisição do saber no *Fédon*? Entre os vários temas presentes

nesse diálogo, o verdadeiro desenvolvimento temático ocorre em torno da morte para o amante do saber e as vantagens dessa espécie de morte, então, como se dá o início da primeira navegação argumentativa de Sócrates e qual sua relação com a morte? Igualmente serão reconsideradas algumas noções encontradas no corpo da pesquisa aqui desenvolvida, por exemplo: a noção de morte para o vulgo; a noção de morte para o filósofo, e a exigência da prova da imortalidade de *psyché* por parte de Cebes e Símiias diante das primeiras explicações de Sócrates. Isto ocorrerá no intuito de descobrir se ao tentar provar que a existência do menos durável garante a sobrevivência do mais durável esse interlocutor tenta mostrar que por meio do método de investigação direta do fenômeno, o conhecimento é, necessariamente, alcançado. Parece que a argumentação de Cebes também não leva em conta a importância de uma noção de morte filosoficamente fundamentada, parece se tratar de uma investigação direta sobre os fenômenos que ocorrem em torno daquilo a que se dá o nome de morte. Mas, seria essa a perspectiva a partir da qual o filósofo pensa a morte? Aliás, será investigado se a objeção de Cebes vai por um caminho semelhante ao da objeção de Símiias, pois, se por um lado o tebanos da alma/harmonia mostra uma alma que é produto posterior das funções do corpóreo, Cebes, apesar de aceitar que a alma possa ser anterior ao corpo, diz que nada garante que ela sobreviva quando esse corpo morrer (87a). Ocorre, porém, que se a morte “é” alguma coisa que somente o pensamento puro pode conhecer, então, as imagens usadas tanto por Símiias quanto por Cebes não levam isso em consideração. A propósito, não será esse o esforço de Sócrates em sua defesa, mostrar como se pode pensar a morte filosoficamente? Ademais, nessa busca por uma síntese será preciso reabrir a questão da noção de separação no *Fédon*: separação entre corpo e alma, separação entre sensível e inteligível e a separação entre focos do pensamento do filósofo. A definição de alma no *Fédon*, a importância das sensações na aquisição do saber e a segunda navegação argumentativa de Sócrates são temas de suma importância para sustentar a tese de que o conhecimento nesse diálogo se dá como reciprocidade entre processo negativo de cognição e estado cognitivo. É, portanto, através das divisões e subdivisões aqui introduzidas que se buscará fundamentar a tese desde já proposta.